

D'IO

Terminado de explorar o mundo próximo que o rodeia, a criança volta pela primeira vez o olhar para si mesma.

Na poça funda criada por Némesis ou no espelho da casa de banho, põe os olhos dentro dos próprios olhos para descobrir que está a olhar para outro alguém: Deus.

Por um instante fica perplexa, a observar-se invertida na cor da sua íris.

A paisagem para sempre mutável em redor da própria pupila fala-lhe de paisagens extraterrestres.

Distraída por um animal atrás dos arbustos, ou pelo telefone a tocar no corredor, a criança regressa ao mundo esquecendo o que acabou de ver.

Um Deus amigo tão próximo parece demasiado fácil de encontrar, e não pode ser verdade.

A criança destrói e constrói, procurando Deus nos olhos dos outros, e, tornada já homem, dá por si a olhar-se nos

olhos, descobrindo na própria íris uma paisagem mudada por crateras, ofendida por colisões com outros corpos celestes, aquecida

por sóis ou congelada pela morte de estrelas implodidas.

De novo a criança tornada homem vê Deus e, com pele de galinha, começa a falar-lhe: quer saber quem é, e para onde deve ir.

Deus fita-o estupidamente do espelho sem dar resposta alguma, e o adulto tem a sensação de falar sozinho.

Uma criança que chora ou um despertador que toca trazem o adulto de volta ao mundo.

Um Deus que não responde é um Deus surdo, um Deus mau, e um Deus que não existe.

Até que o adulto tornado velho se encontra de manhã diante de si próprio a lavar a cara:

a paisagem extraterrestre dos seus olhos, de onde provém e para onde está prestes a regressar, mudou outra vez;

o Deus que nela habita espera-o impassível entre entrelaçados de flores, sombras de animais mitológicos, arco-íris de novos coloridos.

A criança tornada homem tornada velho partirá para encontrar nos seus olhos D'Io — Deus e o Eu.